



“TODA A IGREJA PREOCUPA-SE CONTIGO”

Celebra-se este Domingo o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, em que o Papa Francisco espera que os mais velhos recebam “a visita de um anjo”, que pode ter “o rosto dos netos, dos familiares, dos amigos de longa data ou conhecidos”. Em entrevistas ao Jornal VOZ DA VERDADE, o presidente da Comissão Episcopal do Laicado e Família, D. Joaquim Mendes, explica como a Igreja pode viver esta “jornada de ternura” e a ‘jovem’ avó Júlia Costa, de 54 anos e três netos, partilha qual deve ser o papel dos avós no século XXI. **pág.02**

Destaque

Foi reaberta a Capela de Nossa Senhora do Monte Carmo, na Venda do Pinheiro | **pág.05**

Em 2020, Cáritas de Lisboa distribuiu mais de 570 mil euros em ajudas **pág.08**

Papa limita celebrações de Missas no rito antigo | **pág.09**

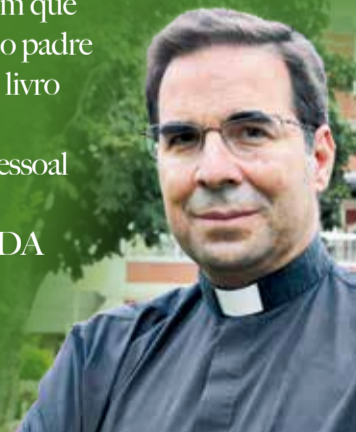
Núncio destaca papel “determinante” da Igreja durante a pandemia

O Núncio Apostólico em Portugal considera que “a Igreja tem sido determinante na ajuda para resolver vários problemas” surgidos com a pandemia de covid-19, e convidou os cristãos ao testemunho de vida. “Os problemas multiplicam-se porque há muita gente que não segue estas indicações, não quer transformar em vida concreta o que Jesus, e Nossa Senhora, nos desafiam. Ora, nós, cristãos, se vivermos de forma concreta o Evangelho, daremos certamente testemunho de que há soluções para enfrentarmos de uma forma mais solidária estes problemas que fazem sofrer a humanidade”, referiu D. Ivo Scapolo, em declarações ao podcast #fatimanoseculoXXI, do Santuário de Fátima, divulgado na edição de julho do jornal ‘Voz da Fátima’. Nesta entrevista, o representante do Papa no nosso país sublinhou ainda que Fátima “é muito importante para a Igreja no mundo”. “Fátima é sempre uma oportunidade para lembrarmos ao mundo o que a Virgem nos pediu e que, no fundo, é um programa de atuação concreto para a salvação da humanidade”, apontou D. Ivo Scapolo, que está em Portugal desde 2019, acrescentando que o Santuário “é um lugar especial, onde as pessoas têm a possibilidade não só de rezar à Virgem, mas para a vivência de conversão”.

Entrevista

“DOENÇA COMPROVOU A VERDADE DA FÉ EM QUE EU ACREDITO”

Após um mês internado, em que estive em coma induzido, o padre Miguel Cabral publicou o livro ‘A Experiência do Limite Humano - Testemunho pessoal em tempo de Covid’ e em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE conta como “a fé deu sentido” à experiência vivida no Hospital. **pág.06**



I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos

“ACOMPANHAMENTO E DIÁLOGO INTERGERACIONAL ENTRE AVÓS E NETOS, ENTRE JOVENS E IDOSOS”

O presidente da Comissão Episcopal do Laicado e Família, D. Joaquim Mendes, deseja que o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, que se celebra este Domingo (25 de julho), possa “desencadear processos de proximidade” e deixa sugestões concretas para viver esta “jornada de ternura”.
Jornal VOZ DA VERDADE dá a conhecer a ‘jovem’ avó Júlia Costa, de 54 anos, que participou na JMJ Madrid 2011 e que agora procura colocar o ‘bichinho’ das Jornadas nos três netos.

texto por Diogo Paiva Brandão



O I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos deve ser “uma jornada de festa, de alegria, de proximidade e convívio entre avós e netos, entre jovens e idosos”. É este o desejo do presidente da Comissão Episcopal do Laicado e Família (CELF). “É fundamental o contacto, a relação, a proximidade. Que a experiência deste I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos possa desencadear processos de proximidade, de acompanhamento e diálogo intergeracional entre jovens e idosos e que a sabedoria e a riqueza dos anos ajudem os jovens a contruir um futuro com raízes”, assinala D. Joaquim Mendes, que é também Bispo Auxiliar de Lisboa, em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE.

Sublinhando a necessidade de “observar as regras sanitárias” devido à pandemia, o prelado reforça que “todos” temos necessidade de “proximidade e convívio”, principalmente “os avós e os idosos, que, no período de pandemia, passaram por experiências de isolamento, de sofrimento”. “Que na pastoral, cada uma das nossas comunidades considere os idosos não como clientes ou utentes dos nossos serviços sociais, mas também eles protagonistas dos nossos programas pastorais, valorizando o seu contributo, a sua espiritualidade. Colocar os avós e os idosos no centro e acolher o contributo da sua presença, da sua sabedoria”, ambiciona o presidente da CELF.

Uma jornada de ternura

O Dia Mundial dos Avós e dos Idosos foi instituído, a 31 de janeiro último, pelo Papa Francisco, para ter lugar no quar-

to Domingo de julho, nas proximidades da festa litúrgica de São Joaquim e Santa Ana, avós de Jesus Cristo, comemorada em 26 de julho. A primeira edição deste Dia tem lugar este Domingo, dia 25, e tem como tema ‘Eu estou contigo todos os dias’ (cf. Mt 28, 20). “O Papa deseja que esta seja uma jornada de ternura, que os avós e os idosos possam sentir a proximidade, o acompanhamento, o ‘estou contigo todos os dias’ que o Senhor nos assegura, sendo sinais e portadores do seu amor, da sua ternura”, explica D. Joaquim Mendes. O responsável por este órgão da Conferência Episcopal Portuguesa sublinha ainda que, “segundo o Papa, o futuro do mundo está na aliança entre os jovens e os idosos”, e deixa exemplos concretos de como pode ser vivido, por cada pes-

soa e por cada comunidade cristã, este I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos. “O Papa Francisco deseja que cada avó, cada avó, cada idoso – especialmente os que estão sozinhos, recebam a visita de um anjo, como aconteceu com São Joaquim e Santa Ana. Concretamente, é pedido aos jovens que visitem os avós e os idosos, que se for possível os acompanhem à Eucaristia. Que convidem e acompanhem os idosos que estão em lares próximos de um local e tenham alguma mobilidade ou transporte a participarem na celebração dominical. Que os acompanhem a um passeio pelo parque e, numa esplanada, lanchem com eles, conversem com eles, os escutem e lhes manifestem ternura, como os jovens sabem bem fazer. Que nas igrejas catedrais e paroquiais se

promova uma celebração dedicada aos avós e aos idosos, com presença pessoal e/ou virtual, e se faça memória dos que morreram durante a pandemia”, aponta D. Joaquim Mendes.

Avós como espaço de escuta

Júlia Costa é uma ‘jovem’ avó da paróquia da Amadora. Com 54 anos, tem já três netos – o Martim, de 15 anos, Filipe, com 14, e Francisca, de 7 – da sua única filha, Raquel, de 33 anos, e diz acreditar que ser avó no século XXI, “e ser uma avó jovem”, é “desafiante” e tem uma função que é “ser espaço de escuta”. “Os pais – ainda para mais com três filhos –, vivem sempre muito em corrida e os avós podem prestar este papel: ser um lugar de escuta, de paciência”, frisa esta avó, ao Jornal VOZ DA VERDADE, acrescentando que “ser avó é muito bom, porque não tem aquela carga educativa que o pai e a mãe têm”.

Júlia Costa está ainda na vida ativa, o que, em seu entender, afeta o tempo de relacionamento com os netos. “É muito bom ser avó jovem! Por outro lado, também me falta aquela parte do ser avó reformada e poder estar mais tempo com os meus netos. Ainda estou em atividade profissional, o que me impede de poder estar com eles e poder tomar conta deles. No fundo, fazer aquele papel ‘completo’ de avó”, explica. Esta avó assume que a filha e o genro “não vivem a fé de uma forma praticante”, os netos rapazes já estiveram na catequese, mas agora “estão um pouco mais desligados”, e que a neta Francisca “começou agora as catequese”. Por isso, ganha rele-



D. Joaquim Mendes, presidente da Comissão Episcopal do Laicado e Família, espera que o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos seja uma “jornada de ternura”, que se concretize com “a visita dos jovens aos avós e aos idosos”

DIOGO PAIVA BRANDÃO



CORRENTE ‘QUERIDOS AVÓS’

Um grupo de famílias do Movimento Apostólico de Schoenstatt na Diocese de Lisboa lançou a corrente ‘Queridos Avós’, para “entusiasmar cada família de Lisboa, e oxalá de Portugal, a agarrar este dia com os seus Avós, sejam de sangue, sejam de coração”. “O desafio é festejar o dia dos avós em família, a 25 de julho, num ABRAÇO que se expressa pelo amor, carinho, cuidado e por pala-

bras que iluminam. Propomos que cada família organize o seu picnic, o seu encontro, as suas brincadeiras e jogos para marcar este dia dos QUERIDOS AVÓS!”, indica um comunicado, reforçando: “Famílias, vamos agarrar este dia! Que nenhuma família deixe de festejar os seus avós e de lhes mostrar como precisam deles!”.

Informações: <https://queridosavos.pt>



ARQUIVO PESSOAL DE JÚLIA COSTA

Júlia Costa, de 54 anos, é avó de Martim (t-shirt amarela), de 15 anos, de Filipe, com 14, e da pequena Francisca, de 7 anos, e participou na JMJ Madrid 2011

vância o testemunho que Júlia dá ao viver a sua fé em Igreja. “O meu papel enquanto avó e enquanto testemunho, a forma como vivo a fé e estou ligada à Igreja, de certa forma faz com que eles tenham muita curiosidade e perguntem muitas coisas. Sou, de certa maneira, uma referência na fé, o que me leva também a ser mais cuidadosa na minha forma de estar em Igreja, porque os tenho a olhar para mim. Sabendo que é algo importante para mim e que é bom, quero que também eles, de alguma maneira, se sintam chamados a participar de uma forma ativa na vida cristã e na paróquia”, deseja.

Acolher jovens em casa

Júlia faz parte da equipa de coordenação da comunidade juvenil da paróquia da Amadora, é animadora de um grupo de jovens e participou na Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Madrid 2011. “Curiosamente, participei apenas numa Jornada. Costumo dizer que já ‘estive’ em muitas Jornadas, em quase todas, porque encaminhei muitos jovens, na preparação. Tive depois a graça de poder participar na Jornada de Madrid, porque foi oportuno, porque fazia parte da equipa de coordenação da comunidade juvenil e como era aqui perto de Lisboa conseguimos levar um grupo de quase 60 jovens. Foi muito bom”, partilha. Para a JMJ de Lisboa, em 2023, Júlia Costa diz esperar “acolher alguns jovens em casa”. “Mesmo que não participe em mais nenhuma, já fiz a experiência e foi muito bom, intenso e desafiante”, frisa, sublinhando ter atualmente a missão de

lançar o ‘bichinho’ das Jornadas aos netos. “Quando comecei a falar do assunto e a dizer que iria receber jovens aqui em casa, eles ficaram muito espantados. Eu conto-lhes que quando participei na Jornada de Madrid fiquei num pavilhão, mas que é sempre muito melhor quando ficamos em casa de famílias. Este ‘bichinho’ da JMJ em Portugal começou a mexer com eles, até por culpa desta entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, porque tive de ir buscar as coisas da JMJ Madrid 2011 para tirarmos a fotografia e pude conversar com eles sobre a Jornada. Portanto, o processo começou já a acontecer e gostava muito que eles participassem, ou pelo menos me ajudassem a fazer com que acontecesse, para alguns jovens, um bom momento aqui no nosso país”, deseja esta ‘jovem’ avó.

Um Dia “maravilhoso”

Sobre a criação do Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, Júlia Costa diz que “o Papa Francisco é maravilhoso”. “Em tudo o que diz, na forma como chega às pessoas e tudo aquilo que tem acontecido no seu pontificado tem sido marcante para o mundo em geral e não só para a Igreja. Aquilo que eu vejo é uma atenção muito especial aos anciãos, que muitas vezes são colocados à margem e à parte da vida das famílias. Com este Dia, o Papa Francisco chama a atenção do mundo para os avós, para o papel essencial que os avós têm, pela ajuda que prestam, pela forma de estar, devido à sua idade e pela experiência de vida que têm. Acho maravilhoso aquilo que o Papa fez”, observa a ‘jovem’ avó Júlia Costa.



“TODA A IGREJA ESTÁ SOLIDÁRIA CONTIGO E NÃO QUER DEIXAR-TE ABANDONADO”

Numa mensagem vídeo para assinalar o I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, o Papa repetiu aos mais velhos a promessa de Jesus aos discípulos ‘Eu estou contigo todos os dias’, que serve de tema a este Dia. “Palavras que também eu, Bispo de Roma e idoso como tu, gostaria de te dirigir: toda a Igreja está solidária contigo – ou melhor, connosco –, preocupa-se contigo, ama-te e não quer deixar-te abandonado”, garantiu Francisco. O Papa reconhece que esta mensagem surge num tempo difícil, em que “a pandemia foi uma tempestade inesperada e furiosa, uma dura provação que se abateu sobre a vida de cada um”, em que muitos “adoeceram, partiram, viram apagar-se a vida do seu cônjuge ou dos próprios entes queridos, e tantos – demasiados – viram-se forçados à solidão por um tempo muito longo, isolados”. No entanto, Francisco também fala de esperança e “mesmo quando tudo parece escuro, como nestes meses de pandemia, o Senhor continua a enviar anjos para consolar a nossa solidão repetindo-nos: «Eu estou contigo todos os dias». Di-lo a ti, di-lo a mim, a todos”. É este “o sentido deste Dia Mundial que eu quis celebrado pela primeira vez precisamente neste ano, depois de um longo isolamento e com uma retomada ainda lenta da vida social: oxalá cada avó, cada idoso, cada avó, cada idosa – especialmente quem de entre vós está mais sozinho – receba a visita de um anjo!”, que “poderá ter o rosto dos netos, dos familiares, dos amigos de longa data ou conhecidos”, continuou. “Neste período, aprendemos a entender como são importantes, para cada um de nós, os abraços e as visitas, e muito me entristece o facto de as mesmas não serem ainda possíveis em alguns lugares”, salientou o Papa.

FAZER MISSÃO PELOS AVÓS E IDOSOS

A organização da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023 convidou “cada jovem” a “fazer missão onde quer que esteja”, por ocasião do I Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, convocado pelo Papa Francisco. Este “grande movimento nacional” pretende “juntar os jovens aos mais idosos”, no fim-de-semana de 24 e 25 de julho. “O convite é, onde quer que estejamos, olhar e cuidar dos avós e dos mais velhos, seguindo precisamente o apelo do Papa Francisco do encontro de gerações”, desafia o COL (Comité Organizador Local) da JMJ Lisboa 2023.

Para “dar visibilidade” a esta iniciativa, é pedido a cada jovem que vista a t-shirt da JMJ. “Concretiza o desafio do Papa Francisco e faz-te próximo dos mais velhos. Telefona aos teus avós, conversa à janela com um vizinho mais velho que se encontre sozinho, vai às

compras por um idoso que não tenha a família por perto, colabora com o centro de dia da tua paróquia. As possibilidades são inúmeras: convidamos-te a que, olhando para a realidade em que vives, faças a diferença”, exemplifica a nota, desafiando os jovens a partilhar o momento, através de uma fotografia ou vídeo, nas redes sociais, utilizando os hashtags #Lisboa2023 e #Iamwithyoualways.

Informações: www.lisboa2023.org/pt





P. Manuel Barbosa, sej Sonhos, memória e oração



Celebramos hoje o Dia Mundial dos Avós e dos Idosos, intenção que o Papa Francisco quer sempre presente no quarto domingo de julho. Na belíssima mensagem que nos oferece, o Papa deseja estar ternamente solidário com os avós e os idosos, recordando a dureza com que a tempestade inesperada e furiosa da pandemia os atingiu na doença, na morte, na solidão e no isolamento.

Esta celebração está associada ao exemplo de Ana e Joaquim, avós de Jesus, cuja memória se celebra a 26 de julho, os quais são referidos quer pela sua experiência de afastamento e de solidão, quer pela presença consoladora que receberam da parte do anjo enviado do Senhor. “Está aqui o sentido deste Dia Mundial que eu quis celebrado pela primeira vez precisamente neste ano, depois de um longo isolamento e com uma retoma ainda lenta da vida social: oxalá cada avô, cada idoso, cada avó, cada idosa – especialmente quem dentre vós está mais sozinho – receba a visita de um *anjo!* Este anjo, algumas vezes, terá o rosto dos nossos netos; outras vezes, dos familiares, dos amigos de longa data ou conhecidos precisamente neste momento difícil. Neste período, aprendemos a entender como são importantes, para cada um de nós, os abraços e as visitas, e muito me entristece o fac-

to de as mesmas não serem ainda possíveis nalguns lugares”.

O Santo Padre destaca três pilares que os avós e os idosos podem oferecer como precioso contributo para construir o mundo de amanhã na fraternidade e na amizade social: os *sonhos*, a *memória* e a *oração*. Pilares que são autênticos caminhos a percorrer por todos nós, inspirados pelas pessoas mais idosas.

Os sonhos são explicitamente acentuados na promessa do profeta Joel: “Os vossos anciãos terão *sonhos* e os jovens terão *visões*” (3,1). A garantia do futuro, com os jovens a concretizar os sonhos dos idosos, está precisamente na fecunda aliança entre jovens e idosos. Sonhos que nunca deveriam findar: “é necessário continuar a sonhar: nos nossos sonhos de justiça, de paz, de solidariedade reside a possibilidade de os nossos jovens terem novas visões e, juntos, construirmos o futuro”.

A memória entrelaça-se com os sonhos. “Recordar é uma missão verdadeira e própria de cada idoso: conservar na memória e levar a memória aos outros”. Como exemplos, o Papa evoca a paz e o acolhimento. A paz ganha valor quando se apreende a dolorosa memória das guerras. O horror do Holocausto, que dizimou com extremo

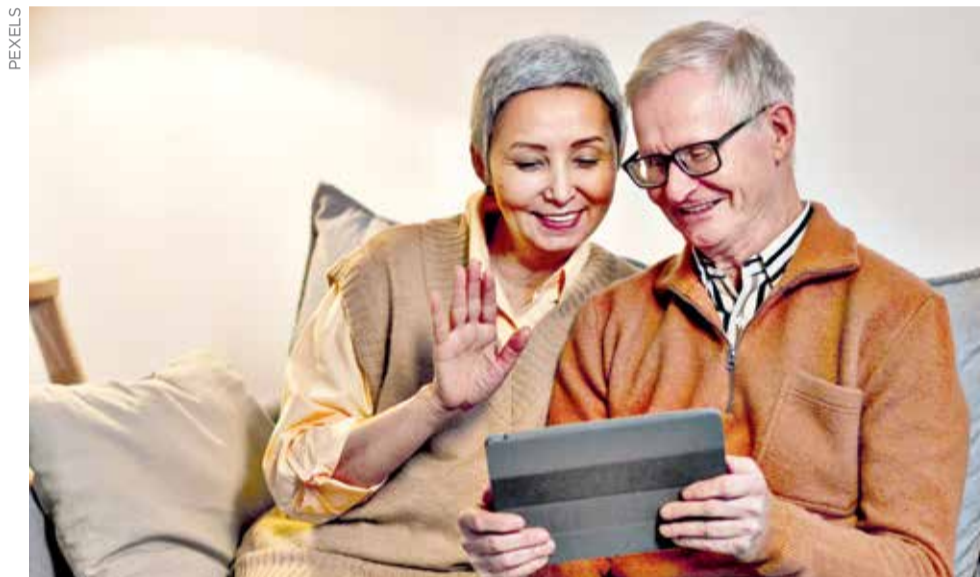
horror milhões de vida nos campos de concentração durante a segunda guerra mundial, deve permanecer como memória viva, para que no mundo se construa apenas a paz e nunca a guerra. O Papa refere ainda que a convivência e o acolhimento do outro adquirem força com a memória dos difíceis tempos de emigração à procura de um futuro mais humano. “Sem a memória, não se pode construir; sem alicerces, tu nunca construirás uma casa. Nunca. E os alicerces da vida estão na memória”.

A oração é um pulmão para a sociedade e para a Igreja, sobretudo nestes tempos extremamente difíceis de pandemia, a exigir de todos oração de intercessão solidária, plenificada de serena confiança. Neste ponto, a mensagem cita Bento XVI, consi-

derado como um idoso santo, que continua a rezar e trabalhar pela Igreja: “a oração dos idosos pode proteger o mundo, ajudando-o talvez de modo mais incisivo do que o esforço de tantos”.

Na sua vocação de “salvaguardar as raízes, transmitir a fé aos jovens e cuidar dos pequeninos” e pelo seu testemunho de vida, os avós e os idosos são verdadeira missão em dinamismo evangelizador, apontando a todos nós, discípulos missionários de Jesus Cristo, renovados caminhos na alegria do Evangelho.

Que este dia especial seja de agradecimento aos nossos avós e idosos pelos sonhos, memória e oração que assumem nas suas vidas e que fecundamente transmitem aos mais jovens.



José Luís Nunes Martins És capaz de perguntar a Deus?



As questões que fazemos definem-nos mais do que as respostas que damos. Quantas vezes temos a coragem e a sensatez de fazer as perguntas certas e importantes? A nós mesmos, aos outros e a Deus?

Compreender uma pergunta em toda a sua profundidade é já ficar a saber algo essencial. Talvez tão ou mais útil do que a resposta. Saber o que perguntar é já uma sabedoria.

Hoje não temos tempo para nada. Ou melhor, só temos tempo para as mil coisas do dia a dia, para as superficialidades importantes que nos consomem anos e anos da existência.

É preciso parar e ser capaz de colocar muitas coisas em questão, mais ainda se a nossa vida não parece estar a fazer grande sentido.

Talvez fosse bom reservar algum tempo para uma meditação mais calma sobre os pilares da nossa vida, os eixos que nos sustentam, o sentido do que nos move. Não é bom que vivamos sem consciência da realidade que nos envolve, sem sequer nos questionarmos, como se fôssemos sábios para quem tudo fosse claro. Quase todos somos especialistas em ter respostas para tudo, mesmo para o que não sabemos.

Perguntar não é uma demonstração de fraqueza ou ignorância. Na verdade, é ter a humildade que permite bater à porta da verdade.

Conhece-se alguém muito mais pelas suas perguntas do que pelas suas respostas. Saibamos encontrar espaço e tempo para perguntar. Para aprofundar questões e buscar a verdade.

Experimentemos fazer perguntas a Deus. É um excelente ponto de partida... desde que estejamos preparados para moderar a nossa pressa e, mais importante ainda, para que as respostas não sejam as mais confortáveis.

As perguntas que fazes a Deus já revelam muito sobre ti. Estuda-te.

Mas Deus responde? Sim. Sem pressas e

supondo que somos inteligentes ao ponto de não precisarmos que nos grite aos ouvidos ou que nos escreva uma carta. Saibamos nós fazer as perguntas certas e esperar até que a verdade se revele. Nessa altura, tenhamos a coragem de a reconhecer.

O mais difícil não é admirar a verdade, mas mudar a nossa vida em função dela.





Aniversário de nascimento do Padre Cruz

Causa de Canonização do Padre Cruz anunciou que no próximo dia 29 de julho, devido às restrições impostas pela pandemia, “não será celebrada Missa na capela do Cemitério de Benfica nem o jazigo onde repousam os restos mortais do sacerdote jesuíta será aberto para devoção”



Encontro de docentes de EMRC “VÍRUS NÃO FOI CAPAZ DE ELIMINAR O AMOR”

O diretor do Secretariado Diocesano do Ensino Religioso (SDER) de Lisboa agradeceu aos docentes EMRC - Educação Moral e Religiosa Católica mais um ano letivo, vivido em plena pandemia, sublinhando que o novo coronavírus não conseguiu eliminar o “amor” e a “solidariedade”. “O vírus mortífero não foi capaz de eliminar o amor, a solidariedade, o unirmos esforços para vencer as tormentas coletivas e individuais, o colocar a luta pela vida e dignidade humanas como prioridade da sociedade, que somos e queremos construir, a vontade de lutarmos com todas as nossas forças contra o mal e outros valores e princípios que são os nossos pilares civilizacionais”, apontou o padre Paulo Malícia, no encontro/convívio online, de encerramento das atividades letivas, que decorreu no dia 15 de julho.

Na presença de algumas centenas de professores desta disciplina, o sacerdote não escondeu que foi “um ano exigente”, em que “estar e ser #MaisPróximo não foi fácil”, referindo-se ao tema do ano. “Vamos de férias cansados, mas alegres, com a alegria de quem escolheu estar ao serviço e ser sinal na escola do que permanece e tudo pode e suporta: o Amor de Deus. Voltaremos de forças retemperadas para ser sinal de Esperança e deste Amor num mundo que precisa agora de nós para aprender a recomeçar”, sublinhou o diretor do SDER de Lisboa.

Segundo o Secretariado Diocesano do Ensino Religioso de Lisboa, em comunicado, o “momento de partilha informal marcou o ponto alto do encontro”. “Cada docente foi convidado a partilhar uma imagem, uma frase, um vídeo... que descrevesse um momento relevante/marcante da prática letiva, ao longo do ano. Um momento muito participado, o que demonstrou a forma empenhada e criativa da prática letiva dos professores nas escolas e colégios, num ano ainda muito dominado pela pandemia”, assinala a nota.



JMJ Lisboa 2023 Jovens chineses envolvidos no hino

A Comunidade Católica Chinesa em Portugal e a Diocese de Xi’an, na China, colaboraram na versão em chinês do hino oficial da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023, ‘Há Pressa no Ar’, lançada a 14 de julho. A tradução e gravação do tema “envolveu os jovens chineses”. “A tradução e arranjo musical esteve a cargo dos jovens da comunidade em Portugal, com o apoio da Irmã Dominia (Lijun Shen), Missionária das Servas do Espírito Santo, e do irmão Paul. A gravação da música e do vídeo teve lugar na Diocese de Xi’an, na Expo Xi’an e na Catedral de São Francisco em Xi’an, nos dias 10 e 11 de abril de 2021”, salienta um comunicado. A Comunidade Católica Chinesa em Portugal “espera assim ajudar os jovens da Igreja Chinesa a participar melhor” na JMJ Lisboa 2023.

Vídeo em: <https://lisboa2023.org/pt>



Missão - Patriarcado Caminha Missionária para ajudar Pemba

Percorrer, de forma simbólica, os 10.302 km que separam Lisboa de Pemba, em Moçambique. É este o desafio do Sector de Animação Missionária do Patriarcado de Lisboa com a Caminhada Missionária, com o lema ‘Juntos até Pemba, Moçambique!’, que teve início a 17 de julho e termina dia 31 de outubro. O desafio passa por correr ou andar 5 km, doar 5 euros à Cáritas Portuguesa para enviar para Pemba (para o recibo de donativo, contactar recibos@caritas.pt) e desafiar 5 amigos nas redes sociais para fazerem o mesmo, utilizando o hastag #JuntosAtéPemba. “Convida os teus amigos e põe-te a mexer por esta causa!”, convida este secretariado diocesano.

Inscrições: <https://bit.ly/3htQB2V>

Capela de Nossa Senhora do Monte Carmo, na Venda do Pinheiro

“Renasçamos, como esta linda igreja renasceu”

Foi reaberta ao culto a Capela de Nossa Senhora do Monte Carmo, na Venda do Pinheiro, Mafra, com o Cardeal-Patriarca de Lisboa a deixar um convite aos cristãos para estarem do lado de quem precisa.



“Quando nos pomos do lado de Deus e da sua compaixão, a vida ressurgiu. Como ressurgiu esta igreja que estava tão abandonada, tão degradada, tão estragada e agora está outra vez linda, bonita, para que nós nos possamos encontrar aqui, para que possamos celebrar esta presença de Deus. E para que, depois, sejamos como Cristo no mundo, apascentando, cuidando, estando ao lado de Deus da compaixão de Deus”, salientou D. Manuel Clemente. Na celebração do passado Domingo, 18 de julho, o Cardeal-Patriarca sublinhou ainda que “os batizados” são, “em Cristo, os pastores do mundo”. “Então, sejamo-lo a sério para que,



CM MAFRA

como esta igreja renasceu, renasça a vida de cada um pela presença de Cristo naqueles que são e querem ser verdadeiramente seus discípulos, como foi sua Mãe, Nossa Senhora do Carmo, como foi Santo António, também orago desta igreja. Renasçamos, como esta linda igreja renasceu, porque há muita gente à nossa espera”, convidou.

No início da celebração, o pároco da Venda do Pinheiro recordou que a capela, edificada em 1762, foi “recentemente adquirida e restaurada pela Câmara Municipal de Mafra”. “Será certamente um digno espaço de oração e recolhimento, que muito contribuirá para o bem espiritual da comunidade”, desejou o padre Teodoro Sousa.

De referir que a Capela de Nossa Senhora do Monte Carmo tinha sido reaberta no dia de Nossa Senhora do Carmo (16 de julho), com a bênção do Bispo Auxiliar de Lisboa D. Daniel Henriques.

Capela do Hospital CUF Sintra

“Cuidar com um coração samaritano”

Na celebração de bênção da capela e dedicação do altar do Hospital CUF Sintra, o Bispo Auxiliar de Lisboa D. Joaquim Mendes convidou a “dar espaço a Deus”.



“Que a consciência dos nossos limites e das nossas fragilidades nos levem a dar espaço a Deus, para que na nossa vida e na nossa ação se manifeste o poder, a graça e o amor de Deus. Que a ciência, a sabedoria e a competência humana sejam iluminadas e enriquecidas pela sabedoria divina. Com Deus, fazemos melhor”, assegurou o prelado, na Missa que teve lugar a 14 de julho.

Na presença de representantes do Grupo Mello, do diretor e da administração do hospital, além do assistente espiritual e religioso desta unidade hospitalar, padre Armindo Reis, o Bispo Auxiliar destacou que o espaço que estava a dedicar é “lugar sagrado, porque nele habita Cristo”. “Que o Senhor esteja com todos aqueles que neste hospital são chamados à nobre missão de «cuidar», para que o façam com um coração samaritano. O Senhor ressuscitado torna-se espaço

sagrado também naqueles que sofrem, identifica-se com eles, e considera feito a Ele, o que é feito a cada um deles. Peço ao Senhor o dom da fé para todos os que aqui trabalham, para que reconheçam a sua presença em cada doente e sejam irradiação da sua solicitude e do seu amor”, desejou D. Joaquim Mendes, que lembrou ainda São Camilo de Lellis, padroeiro dos enfermeiros, dos hospitais e dos doentes, que teve “uma vida de caridade ao serviço dos doentes”.



Padre Miguel Cabral, autor do livro 'A Experiência do Limite Humano - Testemunho pessoal em tempo de Covid'

“ACHO QUE OS MÉDICOS É QUE ME SALVARAM. A FÉ DEU-ME O SENTIDO”

O padre Miguel Cabral, que esteve em coma induzido devido à Covid-19, acredita que a fé “deu sentido” ao tempo de internamento. Em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, o sacerdote do Opus Dei partilha que “Deus se serviu” da sua doença para chegar a outros e diz que a experiência da vulnerabilidade “devia-nos abrir mais ao transcendente, a Deus”.

entrevista e fotos por Filipe Teixeira



A infeção por Covid-19 fez com que o padre Miguel Cabral estivesse mais de um mês internado, dez dias ventilado e em coma induzido. Os primeiros sintomas levaram-no, a 8 de dezembro, a um internamento de dois dias na enfermaria de um hospital. A situação clínica “parecia estável”, mas, já em casa, “a febre não parava de aumentar”. O agravamento da situação levou-o, de novo, ao hospital, onde foi entubado e induzido o coma. No dia de Natal, “balançou” entre a vida e a morte, mas diz que foi salvo pelos médicos e que a fé deu sentido ao que viveu. Agora, este sacerdote do Opus Dei enriquece a sua reflexão sobre “fé e pandemia” com uma experiência contada na primeira pessoa, no livro ‘A Experiência do Limite Humano - Testemunho pessoal em tempo de Covid’ (Lucerna).

Qual a principal razão para colocar a sua experiência como doente Covid-19 em livro?

A razão principal foi o facto de ter sido convidado para escrever um capítulo de um livro sobre a fé e a pandemia. Era a única razão. Quando terminei o texto, enviei-o para ser publicado como um capítulo de um livro, sem nenhuma pretensão que fosse publicado de forma individual. Pensei que, antes de enviar, poderia ser interessante dar a conhecer a alguns dos meus irmãos e amigos. A dada altura, a doutora Isabel Galriça Neto [diretora da Unidade de Cuidados Continuados e Paliativos do Hospital da Luz, em Lisboa, onde o padre Miguel esteve internado para reabilitação], disse-me que o devia publicar separadamente porque podia ajudar muitas pessoas. Depois, falei com o editor do livro [Henrique Mota, da -Principia Editora], que me disse rever-se em muitas das coisas que escrevi, porque também ele esteve doente recentemente. E confirmou-me que o queria publicar.

Foi difícil falar na primeira pessoa?

De facto, pensei duas vezes em expor a minha experiência e quem ler o livro perceberá que eu me sirvo de algumas coisas que me aconteceram para desenvolver alguns aspetos e algumas reflexões teóricas que me parecem mais universais, mais gerais, que podem servir outras pessoas, mas não conto nem metade do que aconteceu de bom ou de mau. O intuito de falar na primeira pessoa era apenas o de servir daquilo que possa ser comum às doenças para ajudar outros.

O que a doença veio acrescentar à ideia inicial do livro?

Veio reforçar alguns aspetos. Se calhar, não tinha tão presente a vulnerabilidade a que podemos ficar sujeitos perante um vírus pequenino, microscópico, que não co-

nhecemos e nem o vemos. Como é possível a uma pessoa que fazia desporto, com uma idade relativamente jovem, de repente, em tão pouco tempo, ficar totalmente incapaz até para levantar a mão e pentear-se ou para lavar os dentes sozinho, por exemplo? Eu sabia que isto era possível, mas não imaginava que me fosse acontecer. Realmente, somos muito vulneráveis.

É padre, é médico e também doutorado em Teologia Moral (Bioética). Poder-se-ia dizer, à partida, que se encontrava ‘teoricamente’ bem preparado para apontar aos outros um “sentido no sofrimento”. Em algum momento se sentiu distante ou fragilizado nesse sentido?

Não, mas podia ter acontecido... Eu penso que a fé não é como uma cou-

raça que nos impede de nos sentirmos frágeis, a chorar ou sofrer com a doença. É verdade que nós podemos, depois, sobrenaturalizar tudo isso, mas, graças a Deus, não foi isso o que me aconteceu. Eu senti-me sempre sereno, nunca pensei que fosse morrer – não por ter fé, mas, simplesmente, por nunca me ter passado isso pela cabeça. Quando estava no hospital e senti que as coisas estavam a piorar, pedi para que me trouxessem uma imagem de Nossa Senhora que tenho em casa, no meu quarto, e que tem muito a ver com a história da minha vocação, e um crucifixo, que tenho desde a minha Primeira Comunhão, para que estivessem ali presentes. Mas, às vezes, custava rezar... Sei que rezei terços online com a minha fa-



‘A Experiência do Limite Humano - Testemunho pessoal em tempo de Covid’, Lucerna. Mais informação: www.lucernaonline.pt

mília – de que não tenho memória –, mas que ficaram gravados. Mas a presença daquele crucifixo e de ser olhado por Nossa Senhora, ajudou-me na fé, deu-me um conforto, a segurança de que Deus é nosso Pai e há de prover em tudo, há de ajudar. Não me recordo de me ter sentido assustado...

Mesmo sentindo dificuldade em rezar?

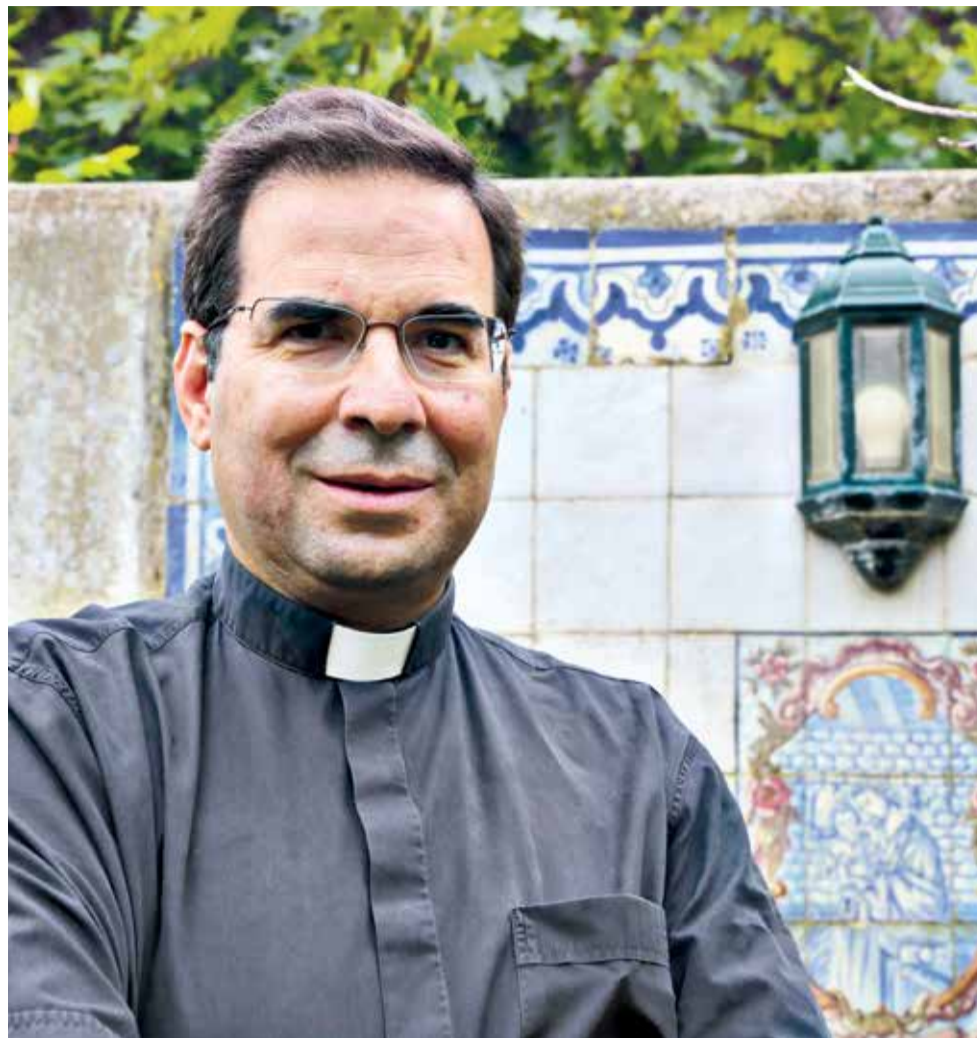
Tinha dificuldade em rezar. Rezava, todos os dias, o terço, mas distraía-me muito. A falta de ar, a cabeça ia para outro lado... Às vezes, as pessoas dizem que para rezar têm que ‘sentir’. Eu já levo alguns anos de padre e sei que muitas vezes, quando vou rezar, o que eu sinto é sono, mas sei que, por amor a Deus, devo estar presente. Uma mãe que se levanta a meio da noite para ir cuidar do filho o que sente? Sono, mas gosta à mesma do filho e, por isso, vai. Eu sinto essa obrigação de rezar todos os dias.

No livro conta a experiência de celebrar a Missa, depois de ser extubado...

Sim, e mesmo antes de ser entubado, recebi a comunhão várias vezes, ou todos os dias – não me recordo. Sei que, graças a Deus, também recebi a Unção dos Doentes. Também não recordo de a ter pedido. Mas era esse o meu desejo.

O que a experiência da vulnerabilidade pode acrescentar à pessoa?

Pode ajudar-nos a pensar que não somos autossuficientes, não somos uma peça isolada no mundo ou no universo, não dependemos apenas de nós próprios. A cultura do “eu posso fazer tudo” e de que o “controle da vida está nas minhas mãos”, confrontada com uma doença como esta, um vírus que condiciona toda a vida social e privada, leva as pessoas a sentirem que, afinal, não são nada. Isso ajuda-nos a ser humildes, a reconhecer que não nos damos a nós próprios... Isto devia-nos abrir ainda mais ao transcendente, a Deus.



Escreveu que prefere falar desta doença não como “sua”, mas como “nossa”, isto é, de toda a família. Que papel desempenharam a família e amigos durante todo aquele tempo?

Um papel muito importante. Não seria a mesma coisa se estivesse sozinho, apesar das condições da limitação das visitas. Foi muito importante. Quer da minha família sobrenatural, que é o Opus Dei – e lembro-me que li uma carta do prelado, monsenhor Fernando Ocáriz, momentos antes de ser entubado –, quer da minha família de sangue, que é numerosa – sou o mais velho de sete irmãos e tenho 23 sobrinhos. Tive uma proximidade muito grande principalmente da minha mãe. O meu pai também esteve doente por Covid-19 e internado no hospital, na mesma altura. Foi uma fase muito complicada da mi-

nha família. E muitas, muitas pessoas se preocuparam. Recebi telefonemas do senhor Patriarca, do Núncio Apostólico, muitas mensagens de sacerdotes da Obra e diocesanos. Gostava de referir que ofereci tudo isto pela Igreja, pelas vocações e pela santificação dos sacerdotes.

Refere que a fé tem “profundas implicações existenciais, nomeadamente na doença”. Considera que foi a fé que o salvou?

Acho que os médicos é que me salvaram. A fé deu-me o sentido. Nós, pela fé, podemos morrer, mas também podemos viver. A fé dá-nos uma luz, mas não explica tudo. A fé é como uma lanterna que aponta, que permite dar sentido, ver melhor as coisas, mas não dá para ver tudo. A fé dá-me o conforto

PERFIL

O padre Miguel Cabral tem 50 anos, é sacerdote da Prelatura do Opus Dei e foi ordenado em 2010, em Roma. É licenciado em Medicina, com especialidade em Oncologia, que exerceu durante quase 10 anos. Depois, estudou em Roma, onde fez doutoramento em Teologia Moral (Bioética). Doutorou-se em Bioética e é membro da Comissão de Ética do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central. Exerce o ministério sacerdotal no Colégio Mira-Rio, como capelão, e no Oratório de São Josemaria. Desde 2020, é assistente espiritual da Associação de Médicos Católicos Portugueses e, nos últimos anos tem acompanhado os estudantes de Medicina na Missão País. Coordenou a publicação do livro ‘Reflexões sobre Ética Médica’ (Principia Editora).

de poder unir os meus sofrimentos aos sofrimentos de Cristo, que posso oferecer essa doença pelo Santo Padre, pela Igreja, pelo Patriarca, pela Obra, pela família. É uma oração dos sentidos. Por isso, pela fé, eu sei que Deus se serviu da minha doença.

Depois desta experiência entre a vida e morte, que padre Miguel podemos encontrar?

O mesmo, não sei. Eu escrevi no final do livro que as irmãs carmelitas, que rezaram tanto por mim, diziam que eu não sairia igual desta experiência. Eu disse-lhes que não cabe a mim dizer que estou ‘melhor’, mas que aquilo que aconteceu comprovou a verdade da fé em que eu acredito. A fé deu sentido a tudo isto por que passei. Provou que vale a pena!

“NINGUÉM PEDE A MORTE, A EUTANÁSIA, QUANDO HÁ ACOMPANHAMENTO, COMPAIXÃO”

Teve oportunidade de agradecer aos médicos que o salvaram?

Procurei agradecer aos médicos e aos funcionários hospitalares, concretamente os dos cuidados intensivos, onde eu estive em coma. Fui lá um dia para dar a Unção dos Doentes a uma senhora. Apresentei-me e as médicas, ao verem-me, começaram a chorar. É tão importante as pessoas serem agradecidas... Fiz apenas aquilo que os meus pais me ensinaram.

A minha irmã disse-me que, por vezes, as médicas emocionavam-se ao dizerem-lhe como eu estava. Elas próprias viviam a sério a minha doença. Isso é muito importante, sobretudo agora que se fala tanto da eutanásia... Ninguém pede a

morte, a eutanásia, quando há acompanhamento, compaixão.

Noutra das vezes que lá fui, já com exemplares do livro para dar ao chefe de serviço e a outra médica – a única que eu me lembrava –, toquei à porta dos cuidados intensivos e abriram. Estava a telefonista e uma senhora que era auxiliar. Apresentei-me e ela disse-me que se lembrava perfeitamente do tempo em que estive internado e contou-me que quando estive muito mal, pegou na imagem de Nossa Senhora, pô-la em cima do ventilador, a olhar para mim, para tomar conta de mim. Eu fiquei muito emocionado porque esta história nunca a tinha sabido se não fosse a coincidência providencial de aquela senhora estar ali e me ter contado.



Em 2020, a CDL recebeu 265 667€ em donativos e distribuiu 573 415€ em ajudas

No reforçar dos apoios, para que ninguém fique para trás



Ainda que “*estar ou ir de férias*” tenha perdido, com a pandemia, a “normalidade” a que estávamos habituados, para as organizações, como a Cáritas Diocesana de Lisboa (CDL), este período do ano, com os abrandamentos que lhes são inerentes, irá continuar a ser sempre um bom momento de paragem e de avaliação dos primeiros sete meses de um qualquer ano. Estando a ser divulgado, e ao ficar disponível no nosso site, para consulta online, também o Relatório de Atividades CDL de 2020, com os seus resultados, torna oportuno e relevante à vida do Patriarcado este balanço.

Em 2020, a CDL recebeu 265 667€ em donativos e distribuiu 573 415€ em ajudas. Como seria de esperar (sendo possível) de uma instituição que intervém, enquanto organismo oficial da Igreja, a partir de uma *opção preferencial pelos pobres* - esforçando-se, além do mais em contexto de pandemia, *por não deixar ninguém para trás* - a CDL reforçou a sua ajuda aos grupos que constituem e operacionalizam a ação socio caritativa das paróquias, e colaborou com organizações sólidas e eficientes no que fazem de bem, movidas também pelas fortes convicções cristãs de grande número dos seus voluntários. A atribuição de um pré-definido e aberto orçamento de 700 mil euros, cuja execução resultou, no final do ano, num saldo negativo de 504 862€ (em evidente contraste com o saldo positivo de 57 077€ de 2019), é expressão real desta opção por quem, no território do Patriarcado, se viu numa situação de vulnerabilidade agravada ou empobrecer pela primeira vez.

Este redobrado esforço tem continuado, mantendo-se em dinâmica execução, em 2021.

O impacto negativo da pandemia na vida de muitas famílias, a viver no território da nossa diocese, não tem sido apenas tragicamente visível no número de pedidos de ajuda que chegam ao nosso Gabinete de Ação Social (GAS), mas é o próprio GAS que alerta para o invisível aumento de situações de preocupante carência de bens fundamentais, com epifania “marcada” para um futuro muito próximo. Os apelos a uma maior cooperação com a nossa missão, pela via do donativo em dinheiro, feitos sobretudo durante a Semana Nacional Cáritas, foram bem-sucedidos - um retorno de ele-

vada generosidade por parte de quem em nós confia e vive de forma empática a frágil situação de muitos de nós. Mas a sua insuficiência, infelizmente, permanece, face aos atuais e crescentes pedidos de ajuda.

Avanços e retrocessos têm feito o jornal diário mundial de combate à pandemia. As continuas variações e as dúvidas quanto à eficiência de estratégias de combate, impedem que se possa perspetivar o fim desta desgastante luta.

O Papa Francisco, na sua mais recente encíclica, *Fratelli Tutti*, denuncia o facto de não termos aprendido, com a crise de 2007-8, a arrear caminho e a viver de uma outra maneira. Nesta sua observação, e sem que nos sintamos pessimistas em relação ao futuro, não será difícil de antever a resistência à mudança colocada já hoje pela pandemia. Ainda que este generalizado *mau-estar-atual* não resulte de uma nova perturbação económico-financeira, a verdade é que os seus efeitos têm um peso enorme na sustentabilidade de quem já estava em situação de pobreza e exclusão social, não estando a servir de aprendizagem, infelizmente, no nosso *aqui e agora*, que não podemos continuar a deixar de prevenir o empobrecimento e a desigualdade, e de saber que a sua resolução exige de nós soluções que respondam eficazmente às privações, serem feridas físicas

e mentais e proporcionem a autonomia de uma vida pelos próprios pés.

E é precisamente porque não se faz depender do que se aprende e do que, com coragem, até se consegue mudar, como nação ou como mundo, que a CDL continua a responder à fome, que o Papa chama de criminosa, à eminente perda de habitação, à interrupção do pagamento das faturas da eletricidade, do gás, da água, à participação individual na aquisição de medicamentos necessários e de outros bens fundamentais à saúde, à regularização e integração de pessoas indocumentadas e a um bem-estar-mínimo. De forma direta, mas maioritariamente em articulação com agentes socio caritativos no terreno, tem sido sua missão diária a capacitação, dinamização e mobilização de grupos paroquiais de ação social (GPAS), entre eles, as várias Cáritas Paroquiais e as Conferências Vicentinas do Patriarcado, a par de centros sociais e de algumas organizações parceiras.

Em todo este processo, a distribuição de *Tickets Restaurant*, mesmo quando recebemos em donativo alimentos para distribuição, continua a ser uma *excelente prática*, não só no suprir de carências alimentares, mas na defesa e promoção da dignidade humana, ao evitar que alguém se sinta observado, humilhado. Em 2020, 80 mil euros gastos na sua aquisição chegaram a 11 500 pessoas.

Também o “Apoio Caritas Lisboa”, criado no seguimento do que de *bom* o Projeto Igreja Solidária do Patriarcado tinha conseguido, face aos efeitos da anterior crise, se tem revelado de *extrema importância* na resposta sobretudo aos pedidos de ajuda que chegam das paróquias, e que em 2020 tiveram um custo de 115 350 mil euros.

A articulação com forças no terreno tem sido de tal ordem crucial, que parte da nossa atividade se tem centrado no incentivar à criação de Caritas Paroquiais onde ainda não existem ou onde a ação social acontece mais espontânea e informalmente. Constituir-se como Cáritas e fazer parte desta rede, à luz da Doutrina Social da Igreja, tem sido o desafio deixado em diversas reuniões de vigararia e a outros níveis, e a sementeira tem estado a dar os seus frutos.

Em subsidiariedade e em parceria com outras instituições, evitando sobrepor-se ou repetir-se, a CDL tem procurado apoiar serviços que já existem em áreas fundamentais. O ano passado celebrou um protocolo de cooperação com a Souma, apoiou, entre outros, o Banco Alimentar, a ReFood e a ação social desenvolvida por autarquias e juntas de freguesia da diocese. Este ano, o recente acordo de parceria com a Loja Dona Ajuda da associação Boa Vizinhança Santo António é igualmente exemplo de uma Caridade que não só se abre na direção de todos, independentemente das suas identidades, proveniências, crenças, mas que se torna ainda mais próxima, eficaz e duradoura através do *bem fazer* de outras organizações.

Esta a dinâmica conferida, a Caridade que transparece do agir desta primeira metade de 2021, e o caminho que vamos continuar a concretizar, num esforço que tem plena consciência dos seus limites, e que, por essa mesma razão, entende ultrapassá-los, com renovados apelos à solidariedade do público em geral, e abrindo-se, sempre mais, à colaboração com outras forças sociais, para que ninguém fique, de facto, para trás, ninguém se perca, e todos possam viver dignamente e em segurança, pois só o *Ser Humano*, a *Criação* no seu todo, são critério absoluto para toda e qualquer mudança.



A falta de rendimentos não pode penalizar a educação dos mais novos. Cáritas Paroquial de Alcobaça © Catarina Reis, O Alcoa



Cooperar e potenciar a ação social de quem tem sido uma boa referência no combate à pobreza e exclusão social. Dona Ajuda, Lisboa © CDL



D. Américo Aguiar de passagem pela sede da CDL, para a aprovação das contas de 2020 © Secretariado CDL

Consulte o Relatório de Atividades CDL 2020 em: www.caritalisboa.pt



com **Aura Miguel**
Jornalista da Rádio Renascença,
à conversa com Diogo Paiva Brandão

Roma /09

“Ganhar, todos juntos, a medalha da fraternidade humana”

O Vaticano espera que os Jogos Olímpicos de Tóquio sejam marcados pela vitória da “fraternidade”. Na semana em que agradeceu à “família do [Hospital] Gemelli”, o Papa mostrou-se solidário com vítimas das cheias na Europa Central, enviou uma mensagem à Ordem dos Frades Menores e limitou o uso do missal de 1962 para a celebração da Missa.



1. O Vaticano desejou que os Jogos Olímpicos de Tóquio, que começam esta sexta-feira, 23 de julho, sejam marcados pela “fraternidade” e combinem “tensão competitiva e um espírito de unidade”. “Hoje, mais do que nunca, o desafio não é apenas ganhar a medalha de ouro – o sonho e meta de qualquer atleta olímpico – mas também ganhar, todos juntos, a medalha da fraternidade humana”, pode ler-se no ‘Vatican News’. O texto, que retoma o ensinamento do Papa Francisco sobre o desporto, assinala que estes são uns Jogos “tristes”, devido à ausência de público, de aplausos ou de abraços, com alterações até na entrega das medalhas. “Talvez possa emergir mais claramente o significado (e o valor) de um evento que, desde o seu símbolo – os cinco anéis entrelaçados – traz consigo o espírito de fraternidade e harmonia entre os povos”, deseja o artigo. O Vaticano lembra ainda que o Papa tem “sublinhado o potencial educativo do desporto para os jovens, a importância de ‘colocar-se em jogo’ e do fair-play”, bem como do próprio valor da derrota, “porque a grandeza de uma pessoa é vista mais quando ela cai do que quando triunfa, tanto no desporto como na vida”.

2. O Papa endereçou uma carta ao presidente da Fundação Hospital Universitário Agostino Gemelli, Carlo Fratta Pasini, agradecendo a atenção nos dias que esteve internado no hospital, onde foi submetido a uma cirúrgica ao cólon. Na missiva, Francisco manifesta a sua gratidão e afeto a Pasini e “a todos aqueles que formam a grande família do Gemelli”. “Como numa família, experimentei um acolhimento fraterno e um cuidado cordial, que me

fizeram sentir em casa”, escreveu o Papa. No texto, divulgado pelo Vaticano na segunda-feira, 19 de julho, Francisco refere ainda que pôde “ver pessoalmente como a sensibilidade humana e o profissionalismo científico são essenciais no cuidado da saúde”. “Agora, levo no meu coração muitos rostos, histórias e situações de sofrimento. O Gemelli é realmente uma pequena cidade na cidade, onde milhares de pessoas vêm todos os dias, trazendo as suas expectativas e preocupações”, referiu ainda Francisco.

3. O Papa mostrou-se solidário com as vítimas das cheias na Europa Central. “Expresso a minha proximidade aos povos da Alemanha, Bélgica e Holanda, fortemente afetados pela catástrofe das cheias. Peço ao Senhor que acolha os defuntos e conforte os seus familiares e todos os aqueles cujas vidas foram perturbadas”, disse Francisco, após a oração do Angelus, no Vaticano, no passado Domingo, 18 de julho. Na janela do apartamento pontifício, o Papa recordou, também, a situação que se vive em Cuba, na sequência dos protestos contra o regime. “Sinto-me próximo do amado povo cubano. Peço ao Senhor que o ajude a construir, em paz, diálogo e solidariedade uma sociedade sempre mais justa e fraterna”, afirmou. Sobre os atos de violência na África do Sul, Francisco pediu aos responsáveis do país que sejam promotores de paz. Unindo-se aos bispos sul-africanos, o Papa deixou “um forte apelo a todos os responsáveis envolvidos, para que trabalhem pela paz e colaborem com as autoridades para oferecer assistência aos necessitados”. Antes da recitação do Angelus, o Papa lembrou que o verão deve ser uma oportu-

nidade de “parar, calar, rezar”, alertando para o perigo de “passar da correria do trabalho para a das férias”. “Tenhamos cuidado com o eficientismo, paremos a corrida frenética ditada pelas nossas agendas. Aprendamos a parar, a desligar o telemóvel, a contemplar a natureza, a regenerar-nos no diálogo com Deus”, apelou.

4. Numa mensagem aos participantes do Capítulo Geral da Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), o Papa desafiou os religiosos a “intensificar as relações com Cristo e com os irmãos”, com uma presença “profética” na sociedade, testemunhando “a fraternidade e a vida simples e alegre”. Francisco admitiu que se vive um tempo “difícil e complexo”, convidando a “acolher os sinais da presença e da ação de Deus”. “Deus tocou o coração de Francisco (de Assis) através da misericórdia oferecida ao irmão e continua a tocar os nossos corações, através do encontro com os outros, sobretudo com as pessoas mais necessitadas. A renovação da vossa visão não pode deixar de partir, mais uma vez, deste olhar novo com o qual se contempla o irmão pobre e marginalizado, sinal – quase sacramento – da presença de Deus”, escreveu, na mensagem divulgada dia 17 de julho. Francisco, o primeiro Papa a escolher este nome na história da Igreja, desafia os frades menores a ir ao encontro “dos homens e mulheres que sofrem no corpo e na alma”, com uma presença “humilde e fraterna” e sem grandes discursos.

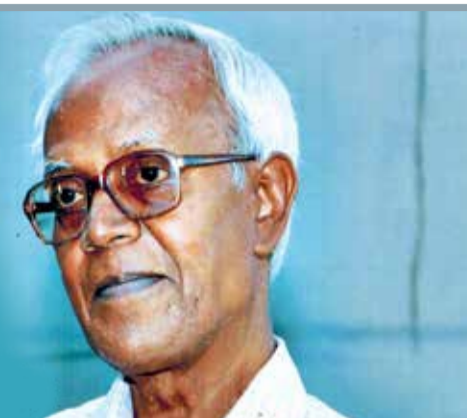
5. O Papa publicou um documento que limita o uso do missal de 1962 para a celebração da Missa. Esta forma de celebrar Missa, conhecida por vezes como ‘rito an-

tigo’, ‘forma extraordinária do rito romano’ ou por ‘rito tridentino’, corresponde à Missa que era celebrada por, praticamente, toda a Igreja Católica de rito latino, antes da reforma da liturgia, decidida pelo Concílio Vaticano II. O rito de 1962 continuou a ser celebrado por pequenos grupos durante os anos depois do Concílio, mas acabou por ser liberalizado por João Paulo II e depois por Bento XVI, para pessoas que se sentissem ligadas às tradições antigas e à liturgia anterior ao Concílio, para evitar cisões e fomentar a comunhão na Igreja. Contudo, numa carta dirigida aos bispos de todo o mundo, que acompanha o Motu Proprio ‘Traditionis Custodis’, Francisco explica que, apesar de bem-intencionadas, estas iniciativas dos seus antecessores acabaram por ser instrumentalizadas. “Infelizmente, a intenção pastoral dos meus antecessores, que pretendiam ‘envidar todos os esforços para que todos aqueles que verdadeiramente desejam a unidade possam permanecer nesta unidade ou redescobri-la’, muitas vezes foi seriamente negligenciada. Uma possibilidade oferecida por São João Paulo II e com ainda maior magnanimidade por Bento XVI para recompor a unidade do corpo eclesial no que diz respeito às várias sensibilidades litúrgicas foi utilizada para aumentar distâncias, endurecer diferenças, construir contrastes que ferem a Igreja. Atrapalham o seu progresso, expondo-o ao risco de divisões”, salienta Francisco. “Duvidar do Concílio significa duvidar das próprias intenções dos Padres, que exerceram solenemente o seu poder colegial cum Petro et sub Petro no Concílio Ecuménico e, em última análise, duvidar do próprio Espírito Santo que guia a Igreja”, escreveu o Papa.

Padre Stan Swamy, uma vida em favor dos mais excluídos na Índia

Amigo dos pobres

Morreu na segunda-feira, dia 5 de Julho, numa cama do hospital da Sagrada Família em Bombaim, na Índia, depois de uma vida a lutar pelas populações tribais. O Pe. Stan Swamy morreu no hospital, mas estava preso. A enfermaria era apenas a nova cela, depois de as autoridades o terem acusado de terrorismo.



O Pe. Stan Swamy, jesuíta, morreu aos 84 anos de idade, depois de uma vida a lutar pelos povos tribais, pelos dalits, pelas populações ignoradas e desprezadas, pelos mais miseráveis, os que são como que invisíveis aos olhos da sociedade. O Pe. Stan foi um defensor destemido dos pobres, foi, seguramente, um sacerdote inspirador. Acusado de terrorismo pelas autoridades, apesar do reconhecimento internacional do seu trabalho como activista dos direitos humanos, nomeadamente dos povos indígenas, o Pe. Stan Swamy estava preso desde 8 de Outubro do ano passado, tendo o seu estado clínico merecido desde o primeiro momento enorme preocupação por parte de amigos e familiares.

Verdadeiro herói

O estado de saúde deste sacerdote jesuíta vinha a deteriorar-se nas últimas semanas, depois de ter contraído na prisão a Covid19, o que levou as autoridades a

permitirem o seu internamento hospitalar a 28 de Maio, mas negando-lhe, sempre, a libertação sob fiança. Como se ele pudesse fugir, como se ele quisesse fugir. Para as autoridades era um criminoso. Para as populações tribais, que defendeu toda a vida com notável energia, era um amigo. Era o amigo. Quem o conheceu, quem privou com ele, fala de uma pessoa excepcional, de um gigante da solidariedade, de um verdadeiro herói.

Ajudar os invisíveis

As autoridades indianas prenderam-no tentando sufocar a sua voz, mas nunca como agora se falou tanto deste sacerdote de aspecto frágil e sorriso bondoso que se enamorou dos mais pobres dos pobres da Índia. A melhor maneira de o homenagearmos é procurar prosseguir com o seu trabalho, é procurar continuar a ajudar as populações tribais, os dalits, os que são invisíveis aos olhos da socie-

dade indiana. Muitos dos dalits, dos intocáveis que o Pe. Stan tem defendido ao longo de mais de 40 anos são cristãos. A sociedade indiana ignora-os como se não existissem, como se fossem invisíveis. Mas a Igreja acolhe-os. Por isso, há cada vez mais dalits a abraçarem também o Cristianismo na Índia. Quando ele foi preso, o presidente executivo internacional da Fundação AIS alertou o mundo para a situação dramática dos que procuram defender os direitos humanos na Índia, dizendo que haverá “outros casos de padres e catequistas que foram injustamente acusados com o objectivo de espalhar o medo e de os intimidar”. Para Thomas Heine-Geldern, o caso do Pe. Stan é apenas a ponta de um icebergue” da criminalização dos que defendem os direitos humanos, dos que procuram dar “melhores condições de vida”, aos dalits e às populações tribais na Índia.

Prosseguir a sua obra

A ignóbil prisão do Pe. Stan, que faleceu na segunda-feira, dia 5 de Julho, foi a maior medalha que as autoridades indianas lhe podiam ter dado. Honrar a memória do Pe. Stan é continuar com a sua obra. Para a Fundação AIS isso é indiscutível. O mundo precisa de muitos Padres Stan, pessoas cheias do desejo apenas de servir os mais pobres, os que a sociedade ignora, mesmo que, para isso, possam correr riscos, possam ser acusados das maiores mentiras, possam ser colocados atrás das grades. Ajudar os invisíveis da sociedade é a melhor maneira de dizermos “muito obrigado” ao Pe. Stan Swamy.

texto por Paulo Aido,
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre

www.fundacao-ais.pt | 217 544 000



A sociedade indiana ignora os dalits como se fossem invisíveis. Mas a Igreja acolhe-os.



Padre Stan Swamy, uma vida em favor dos mais excluídos na Índia.



A melhor maneira de o homenagearmos é procurar prosseguir com o seu trabalho.



SUGESTÃO CULTURAL

Nascemos da Páscoa

Os padres Carlos Pinto e Ricardo Jacinto reuniram o “pensamento” e o “ensino mistagógico” do cónego Luís Manuel, antigo pároco da Sé e diretor do Departamento de Liturgia de Lisboa falecido há um ano, no livro ‘Nascemos da Páscoa - O memorial do mistério pascal’. “Esta publicação pretende manifestar sinceramente a gratidão do Patriarcado de Lisboa, da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade e de tantas pessoas que participam no Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica em Fátima pelo testemunho pascal do nosso caro mistagogo presbítero Luís Manuel”, refere a apresentação da obra do Secretariado Nacional de Liturgia, assinada por D. José Cordeiro, presidente da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade. Informações: <https://livros.liturgia.pt>



À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO XVII COMUM ANO B

“Jesus disse a Filipe:
«Onde havemos de comprar pão
para lhes dar de comer?»”
Mc 6, 5



pele P. Vítor Gonçalves

Comprar ou dar?

Comprar e vender caracteriza muitas das trocas de bens entre as pessoas. Khalil Gibran, o poeta cristão libanês, fala disso no seu livro “O Profeta”: “A terra brinda-vos com os seus frutos / e, se souberdes como encher as mãos, / não passareis necessidades. // É trocando os bens da terra / que achareis a abundância / e ficareis satisfeitos. // Contudo, / a não ser que o intercâmbio / se faça com amor / e justiça benévola, / não deixará de levar / uns à voracidade / e outros à fome. [...] E antes de abandonardes o mercado / tende cuidado / que ninguém volte de mãos vazias. // Porque o espírito, / senhor da terra, / nem conseguirá / dormir tranquilamente sobre o vento / até que as necessidades / do mais pequeno de vós / não tenham sido satisfeitas.”

Mas nem tudo se pode comprar ou vender. Lembramos como a raposa dizia ao Principezinho que não existem “mercados de amigos” e, assim, habituados a comprar tudo, os homens não têm amigos! Os bens mais essenciais, aqueles que dão sentido

ao viver humano e não apenas sobrevivência, não são objecto de compra ou venda. Poderia aqui fazer uma lista desses “bens mais essenciais”, mas deixo aos leitores esse exercício de férias: talvez se surpreendam e, quem sabe, revejam as prioridades de vida.

O verbo “comprar” aparece numerosas vezes nos evangelhos, mas é estranho na boca de Jesus. Ele que declina em todos os tempos e modos o verbo “dar”, e “dá- -Se” a si mesmo, que quer dizer com esta proposta de “solução rápida” apresentada a Filipe? Certamente, mostrar que não é uma solução, e preparar o milagre que vai fazer com a partilha do pouco. Quantas vezes nos enganamos com a esperança do “ter muito” para fazer grandes coisas, com a ilusão da riqueza que só aprisiona em “condomínios” de luxo, de poder e de estrelato? Não se resolve o drama da fome com “caridadezinhas” espectaculares mas com educação, desenvolvimento e partilha. Nesse e noutros dramas, como o desta pandemia da Covid-19, é preciso contar

com os “cinco pães e dois peixes” do rapazito do evangelho, o contributo de todos, por mais insignificante que seja, como disse o director-geral da OMS: “Podemos derrotar a Covid-19, mas apenas se todos fizerem a sua parte. Que a Olimpíada de Tóquio 2020 seja uma fonte de esperança e unidade para alcançarmos igualdade de vacina e encerrarmos a pandemia.”

Jesus revoluciona os nossos conceitos de posse, de abundância e lucro, de respeito pelo insignificante e pelas sobras. Primeiro estão as pessoas e as suas necessidades: é preciso vencer os egoísmos e ganâncias para entrar na realidade dos outros. Em seguida, é preciso valorizar o pouco e a generosidade, pois, como pedimos o pão de cada dia, é com ele que o milagre é possível. Por fim, é urgente combater o desperdício com a partilha; diz S. Paulo aos Coríntios: “A quem tinha colhido muito não sobrou e a quem tinha colhido pouco não faltou.” (2 Cor 8, 15). Mas quem vive só de comprar e vender descobrirá a alegria profunda de dar?

SUGESTÃO DE CÂNTICOS PARA A LITURGIA

DOMINGO XVIII DO TEMPO COMUM - B (1 DE AGOSTO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada	Deus, vinde em meu auxílio	F. Silva	CEC II 88 / CN 364
Entrada	Vinde e contemplai as obras	A. Cartageno	CN 1001 / ¹
Ofertório / Comunhão	Saciastes o vosso povo	F. Silva	CEC II 90 / CN 873
Comunhão / Ofertório	Buscai o alimento	M. Luís	CAC 382 / CN 262
Comunhão	O pão que o teu amor nos dá	C. Silva	CEC II 99 / CN 693
Pós Comunhão	Senhor, eu creio que sois Cristo	F. Silva	CEC II 42 / CN 910
Final / Pós Comunhão	Dai graças ao Senhor porque é eterna	F. Santos	CN 335

SOLENIIDADE DA ASSUNÇÃO DA VIRGEM SANTA MARIA (15 DE AGOSTO)

USO LITÚRGICO	CÂNTICO	COMPOSITOR	FONTE
Entrada / Ofertório	O excelso Rei Vos fez entrar	M. Luís	CAC 539
Entrada	Salve, ó Virgem Maria	C. Silva	CEC II 198
Ofertório	Ó incomparável alegria	M. Luís	CAC 534
Ofertório	Um sinal grandioso apareceu no céu	Az. Oliveira	LHCIII 71
Comunhão	O Povo de Deus Te proclama - Feliz és Tu	A. Cartageno	²
Comunhão	Feliz és Tu porque acreditaste	C. Silva	CN 477
Pós Comunhão	O Senhor olhou / Hoje a Virgem Maria	M. Luís	CEC II 198
Pós Comunhão	A Virgem Maria foi exaltada	M. Luís	LHC III 254
Final	Tu és a glória de Jerusalém	M. Luís	CAC 547
Final	Glória da humanidade	A. Cartageno	CN 513



¹ <https://bit.ly/Vinde-e-contemplai> | ² <https://bit.ly/O-povo-de-Deus-Te-proclama>

SIGLAS | CEC - Cânticos de Entrada e Comunhão, vol. I-II, Secretariado Nacional de Liturgia | CN - Cantoral Nacional para a Liturgia, Secretariado Nacional de Liturgia - Serviço Nacional de Música Sacra, Fátima 2019 | CAC - Manuel Luís, Cânticos da Assembleia Cristã, Secretariado Nacional de Liturgia | LHC III - Liturgia das Horas. Edição para Canto. Vol. III, Secretariado Nacional de Liturgia



NOMEAÇÕES PARA O ANO PASTORAL 2021-2022

Dom Manuel III, Cardeal-Presbítero da Santa Igreja Romana, do título de Santo António dos Portugueses no Campo de Marte, por mercê de Deus e da Sé Apostólica, Patriarca de Lisboa.

Aos que este Decreto virem, saúde e bênção

O Bispo, princípio visível de unidade na sua Igreja, é chamado a edificar incessantemente a Igreja particular na comunhão de todos os seus membros, e destes com a Igreja universal, vigiando para que os diversos dons e ministérios contribuam para a comum edificação dos crentes e para a difusão do Evangelho (ApS, 8), até que todos tenham alcançado a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura, da plenitude de Cristo (Ef. 4, 13). Deve fazê-lo com amor de pai, do povo santo de Deus, juntamente com os presbíteros, colaboradores do Bispo no seu ministério, e com os diáconos (Pastor Gregis, 7).

Assim, para que os fiéis cresçam na santidade pela celebração dos sacramentos e vivam o mistério pascal (cf. cân. 387), HAVEMOS POR BEM NOMEAR:

| PÁROCOS |

* **P. António José da Cruz Costa Tavares**, Pároco de *São Mamede*, na cidade de Lisboa, sendo dispensado dos anteriores ofícios.

* **P. António Rodrigues Borges da Silva**, Pároco de *São Pedro em Alcântara*, sendo dispensado dos anteriores ofícios.

* **P. Artur Luís Delgado Farinha Alves**, Pároco de *Nossa Senhora das Dores de Laveiras-Caxias*, sendo dispensado dos anteriores ofícios.

* **P. Feliz Vieira Pires**, SCJ, Pároco do *Sagrado Coração de Jesus do Forte da Casa*, observado o estabelecido no cân. 682 §1.

* **P. Joaquim da Nazaré Domingos**, Pároco de *Nossa Senhora dos Mártires da Serra do Bouro*.

* **Cón. Jorge Manuel Tomaz Dias**, Pároco de *Santa Maria Maior da Sé Patriarcal*, acumulando com os anteriores ofícios.

* **P. Thiago Gimenez Porto Leite**, Pároco de *Nossa Senhora da Luz da Carvoeira*, de *Santa Ana da Carnota* e de *São Domingos de São Domingos de Carmões*, acumulando com os anteriores ofícios.

| VIGÁRIOS PAROQUIAIS |

* **P. António Pedro de Melo Vieira Ribeiro de Matos**, Vigário Paroquial de *Nossa Senhora dos Navegantes do Parque das Nações*.

* **P. Anton Istuk**, Vigário Paroquial de *Nossa Senhora dos Anjos* e de *São Jorge de Arroios*, na cidade de Lisboa.

* **P. Eduardo Lopes Gonçalves**, Vigário Paroquial de *Nossa Senhora dos Mártires da Serra do Bouro*, sendo dispensado do ofício de Pároco da mesma.

* **P. João Bernardo Rebelo de Sousa e Silva**, Vigário Paroquial de *São Pedro e São Tiago de Torres Vedras* e de *Santa Maria e São Miguel de Torres Vedras*.

* **P. João Daniel Figueiredo Brito**, SJ, Vi-

gário Paroquial de *Santo António do Estoril*, observado o estabelecido no cân. 682 §1.

* **P. Joaquim Daniel Vieira Loureiro**, Vigário Paroquial de *Santa Maria Maior da Sé Patriarcal*, acumulando com os anteriores ofícios.

* **P. Jorge Manuel Couto Gonçalves**, SCJ, Vigário Paroquial de *São Romão de Carnaxide* e de *São Miguel de Queijas*, observado o estabelecido no cân. 682 §1.

* **P. José Joaquim Mendes da Costa**, SCJ, Vigário Paroquial do *Imaculado Coração de Maria de Alfragide*, observado o estabelecido no cân. 682 §1.

* **P. Miguel Jorge Correia Ferreira Pereira**, Vigário Paroquial de *Santa Maria de Belém* e de *São Francisco Xavier*, na cidade de Lisboa, sendo dispensado dos anteriores ofícios.

* **P. Patrice Nikiema**, Vigário Paroquial de *Nossa Senhora da Anunciação da Lourinhã*, de *Santa Bárbara da Marquiteira* e de *Nossa Senhora da Saúde e São Sebastião da Martelreira*.

* **P. Pedro Correia Guedes Galhardo de Figueiredo**, Vigário Paroquial de *Santa Maria dos Olivais* e de *Nossa Senhora da Conceição de Olivais Sul*, na cidade de Lisboa.

* **P. Romualdo Carbajal Salas**, Vigário Paroquial de *São Pedro de Caneças*.

| SEMINÁRIOS |

* **P. Romualdo Carbajal Salas**, *Diretor Espiritual do Seminário Diocesano Redemptoris Mater de Nossa Senhora de Fátima*.

| CAPELANIAS |

* **P. José Rosário Freitas Costa**, SCJ, *Capelão do Hospital de Santa Cruz*, observado o estabelecido no cân. 682 §1.

* **P. Valter Henrique Machado Malaquias**, *Capelão da Universidade Lusitana em Lisboa*, acumulando com os anteriores ofícios.

Dispensamos de ofícios:

* O P. Angel Cárceles Pizarro, de *Diretor Espiritual do Seminário Diocesano Redemptoris Mater e de Vigário Paroquial de Caneças*.

* O P. Tiago José Quadros Esteves, de *Vigário Paroquial de Olivais e Olivais Sul*.

Lisboa, na Cúria Patriarcal, aos 16 de Julho de 2021.

† MANUEL, Cardeal-Patriarca L+S

Cón. Jorge Manuel Tomaz Dias Chanceler

FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Pato; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2a a 6a-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



218 810 556
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



saranunes@patriarcado-lisboa.pt
Envie um email com os seus dados



Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome _____

Morada _____

Código postal _____ - _____ Telefone _____

Email _____ NIF _____ N.º Assinante _____

Assinatura anual: Individual (20 €) Benfeitor (25 €) Benemérito (30 €)